

BENTO DE JESUS CARAÇA: CRISE E ENCICLOPEDIISMO ¹

Antonio Pedro Pitta.
Universidade de Coimbra.

Os textos que fixam as primeiras preocupações sociais de Bento de Jesus Caraça mostram-nos um homem profundamente afectado pela situação portuguesa e mundial e que ensaia uma leitura global das tendências em confronto.

Bento Caraça pensa o seu presente em nome do seu futuro. Como o seu futuro é o nosso passado, nem sempre nos damos conta de que o estabelecimento das coordenadas que tornam todo o presente um feixe de futuros possíveis é um imenso trabalho comum da intuição e da razão, uma viagem radical não só aos acontecimentos mas aos fundamentos dos acontecimentos. Pensar o presente é pensar a sua pluralidade de futuros. Mas pensar o presente sob a óptica militante de quem quer um futuro é reduzir progressivamente os futuros possíveis em nome dos futuros desejáveis.

Uma reinterpretação actual da obra de Bento de Jesus Caraça não deixará de registar que o materialismo histórico subjacente não se confunde com uma daquelas sociologias já criticadas com veemência por Gramsci ². Bento Caraça não tem a história no bolso ³. Em várias oportunidades, colocou fundadas reservas à confusão entre pensamento do futuro e finalismo: no fundo da sua atitude existencial e da sua atitude teórica encontramos uma sólida rejeição do determinismo.

Logo em 1933 na conferência que estabelece os nítidos contornos do seu pensamento e da sua intervenção — refiro-me, claro, à conferência *A cultura integral do indivíduo — problema central do nosso tempo* —, Bento Caraça lembra: "O que o mundo for amanhã, é o esforço de todos nós que o determinará" ⁴. Anos volvidos, em recensão de 1940 à obra de Vasco de Magalhães Vilhena sobre *O progresso — história breve de uma ideia*, Bento Caraça não perde a oportunidade de formular reservas ao "jeito finalista" que resulta da confusão entre o pensamento histórico das hipóteses de futuro e decifração do "segredo do destino" (C., 269).

Um pensamento da crise. — O elemento nuclear do pensamento do presente desenvolvido por Bento Caraça é a noção de *transição*: "O que estamos actualmente vivendo e sofrendo não é apenas uma borbulhagem fugaz, destinada a passar como tantas coisas passam, sem deixar

¹ Conferência proferida em 20 de Maio de 2000, em Setúbal, a convite da Universidade Popular.

² Cf. António Gramsci, "Notas críticas sobre uma tentativa de Manual Popular de Sociologia" in *Obras escolhidas*, vol. I, Editorial Estampa, Lisboa, 1974, p. 169-246.

³ Cf. A. Gramsci, o. c., p. 180.

⁴ B.J.Caraça, "A cultura integral do indivíduo — problema central do nosso tempo" in *Conferências e outros escritos*, Lisboa, 1970, p. 33. Todas as citações de textos incluídos neste volume serão, de ora em diante, citados no texto pela sigla C., seguida da página respectiva.

sinal; é, muito pelo contrário, uma época de transição, uma ponte de passagem entre aquilo que desaparece e o que vai surgir" (C., 34). Ou, em texto de 1935: "Espera-se qualquer coisa que ainda não chegou" (C., 145). Formulação próxima, para não dizer solidária, da formulação de crise proposta por António Gramsci: "A crise consiste, justamente, no facto de o velho estar a morrer e o novo não poder nascer" ¹.

Deste ponto de vista, pode dizer-se que encontramos na obra de Bento de Caraça um *pensamento da crise* mas não um *pensamento de crise*. Não é um simples jogo de palavras: Bento Caraça procede à determinação das variáveis da crise convicto de que as coordenadas do seu próprio pensamento estão emancipadas dos mecanismos de erosão que puseram em crise outras concepções.

De certo modo, está na ponte: sente-se desligado do mundo que desapareceu embora o mundo novo ainda não exista senão limitado ao pensamento que o anuncia e à experiência que o prefigura, e que ocorre num dos seus primeiros textos, de 1933, nesta fórmula engenhosa: "a estrutura política das cinco sextas partes do mundo é a mesma que era há quinze anos" ², repetida dois anos depois na conferência sobre a "Escola Única" (C., 107).

Neste texto encontramos ainda um outro diagnóstico da crise: "Vivem-se hoje horas trágicas de ansiedade — sobre as nossas cabeças paira a ameaça sombria da repetição, ampliada, da catástrofe de há 20 anos; o momento é de crise, e essa crise é tanto mais violenta quanto maior a desproporção entre a decrepitude das formas e a viveza de ritmo na vida que essas formas devem conter" (C., 131).

Pensamento da crise e não pensamento de crise porque um elemento constituinte da mundividência de Caraça é a convicção de que, embora num contexto civilizacional de crise, nem tudo está em crise. Escreve, a propósito, no segundo número de *Globo*: "Na realidade, [sublinhemos este "Na realidade"] nem a razão, instrumento supremo nem a vontade de justiça estão em crise. O que está em crise na Europa e no mundo, é a estimação dos meios de impôr a razão e de realizar a justiça, super-estruturas dum mundo social cujas bases se decompõem rapidamente. O que a Europa e o mundo reclamam dos intelectuais — é a coragem de assumir a responsabilidade de soluções capazes de integrar mais profundamente a Razão e a Justiça na existência comum dos homens" ³.

É, por isso, questão estratégica central definir os modos de actuação das ideias portadoras de razão e de Justiça sobre o curso geral da História. O que é um outro modo de dizer que não é um princípio imanente da História o movimento segundo os princípios da Razão e da Justiça.

De facto, o esquema de filosofia da História orientador do pensamento de Caraça é dual. Mas a dualidade não é explicitamente uma dualidade das classes. Sê-lo-á implicitamente? A resposta requer um trabalho de genealogia conceptual que se não encontra nos meus propósitos actuais.

¹ Cf.: Dominique Grisoni e Robert Maggiori, *Ler Gramsci*, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1974, p. 231.

² "Duas datas" in *Globo*, nº 1, 11. Novembro. 1933.

³ "Crepúsculo da Europa" in *Globo*, nº 2, 25. Novembro. 1933.

Direi, todavia, que tal como se nos oferecem enquanto pensamento de Bento Caraça, os elementos dessa dualidade não os elementos definidores de uma relação de produção, – nem directamente nem indirectamente. É que, embora sensível, ao que nos anos trinta era possível identificar no movimento da Revolução russa, Bento Caraça permanece, desde os primeiros textos, não só um leitor mas um pensamento que se organiza nas coordenadas de Romain Rolland.

Terá sido no pensamento de Romain Rolland – é uma hipótese, e pelo facto de estar razoavelmente da sua justeza não deixa de ser uma hipótese – que Bento Caraça encontrou um elemento invariante do seu ideário, desdobrável em duas noções: a noção de que dois elementos contrários são a condição de uma harmonia maior e a noção de que a unidade humana não é um facto de que parte ou que se regista mas um propósito que se persegue, uma finalidade virtual permanentemente posta à consideração dos homens.

Todos conhecem as célebres páginas em que Bento Caraça enuncia e desenvolve, "aos menos nas suas linhas gerais, [a] lei à qual se subordine todo o desenvolvimento" (C., 36) histórico. Escreve: "Creio que essa lei existe e pode formular-se, pouco mais ou menos, nos seguintes termos: no seio das sociedades humanas manifestam-se permanentemente dois princípios contrários – o individual e o colectivo – de cuja luta resultará um estado superior dessas mesmas sociedades, em que o primeiro princípio – o individual – chegado a um elevado grau de desenvolvimento, se absorverá no segundo" (C., 36).

Esses princípios estão permanentemente operativos, "mesmo nos períodos de tranquilidade, as forças íntimas que trabalham a estrutura social não estão em repouso" (C., 38). Mas se o dinamismo imanente à história resulta do conflito entre os princípios contrários em presença, é trabalho dos intelectuais, cuja especificidade é necessário reconhecer, construir (porque não é um dado) o princípio superior que haverá de harmonizar os contrários.

O pensamento de Bento Caraça é um pensamento da unidade. Diríamos, talvez, melhor se disséssemos que é um pensamento da unificação. Exprime-o logo nas páginas de *A cultura integral do indivíduo – problema central do nosso tempo*: "Cada fase da luta é um passo novo dado no caminho para a unidade do individual e do colectivo" (C., 43), a definição de "um estado superior da unidade" (C., 48). No mesmo ano de 1933, e em artigo publicado no mesmo mês de Maio, a noção reapresenta-se quando Bento Caraça escreve: "A humanidade segue, no seu caminho, um evolução no sentido certo – a unificação, numa síntese que tem qualquer coisa de grandioso e belo, da potência individual e colectiva, (...) que (...) permitirá o desaparecimento do antagonismo entre o indivíduo e a colectividade" (C., 214). E, em 1940, cita a referência à "síntese grandiosa do indivíduo e da colectividade" feita na conferência de 1933, para reafirmar uma pertinência revitalizada pela *descida aos infernos* desses trágicos sete anos (cf.: C., 277).

Nenhuma contradição, pois, entre um pensamento da crise e um pensamento da unificação. Em acepção teórica geral, a crise resulta de uma afirmação individual ou grupal que resiste a transformar-se numa colectividade mais rica. Em acepção teórica estrita, a crise contemporânea

é uma crise do capitalismo. Escreve Bento Caraça: "A burguesia, após a sua ascensão ao poder, não resistiu ao anquilosamento que vimos (...) ser característica essencial das classes dirigentes. Depressa cessou a harmonia dos seus interesses com os interesses gerais. Os seus fundamentos económicos – livre concorrência e propriedade privada – cedo se tornaram, pela acção implacável da evolução acelerada do século XIX, em armas terríveis que ela brandiu em seu exclusivo proveito". Depois, o muito célebre diagnóstico: "A civilização de base capitalista tornou inoperantes os princípios de liberdade individual e de igualdade, para não falar já no da fraternidade que só por sarcasmo se pode pretender que esteja incluído hoje entre as ideias dominantes da governação" (C., 44).

A crise é afinal o desajuste entre a ideia de comum – ou *sentido do todo* (C., 187) – que é o elemento cultural implícito em toda a concepção social e política e a capacidade efectiva que essa ideia ou esse sentido forem revelando para responder às necessidades humanas que entretanto se foram transformando. Não se trata de as concepções sociais e políticas perderem progressivamente o seu próprio sentido do todo: trata-se de que o desenvolvimento dessas concepções suscita novos problemas, novas necessidades, novas expectativas, transforma os indivíduos e torna-os mais exigentes. A crise sobrevém quando tais concepções perdem a sua vitalidade englobante e quando o sentido do todo se converte em relação imaginária dos sujeitos com as suas condições reais de existência, uma falsa consciência que é obstáculo à expansão das novas afirmações individuais.

Um pensamento da crise que não seja um pensamento de crise é a capacidade de reunir os elementos ainda dispersos e de constituir um (novo) sentido do todo. É, por isso, um pensamento da unificação. O desenvolvimento do pensamento da crise é o trabalho específico do intelectual. Como escreveu Romain Rolland, "o trabalho do pensador (e também do sábio) está, precisamente, em apreender os contrários e explicá-los por um princípio superior, ou (se se trata de um artista) em harmonizá-los nele" ¹.

Neste sentido, e por muito difusa que se encontre nas suas páginas ou disfarçada em considerações alheias, há no pensamento de Bento Caraça uma tematização própria do trabalho intelectual.

O intelectual, como é concebido na concepção de Bento Caraça, desenvolve um trabalho de reajustamento. Se, como dissemos, a crise é o desajuste entre o *sentido do todo* implícita numa ideia e a capacidade efectiva que esse sentido mantém para responder a necessidades sociais renovadas, o trabalho do intelectual consiste em reajustar sentido do novo e necessidades sociais.

Este trabalho envolve uma selecção e uma síntese. Uma selecção porque, numa concepção geral tornada inoperante, há elementos constituintes que podem continuar operativos: "da etapa anterior, alguma coisa, às vezes muito, ficou definitivamente adquirido" (C., 41). Uma concepção não é homogénea. Uma teoria, os sistemas filosóficos ou científicos estabelecem-se

¹ Romain Rolland, in Jean-Bertrand Barrère, *Romain Rolland por ele próprio*, Portugália Editora, Lisboa, s/d., p. 60.

segundo um princípio de desenvolvimento desigual porque se organizam a partir de bases com longevidade histórica diferente. E o princípio organizador, isto é: o modo de trabalho do intelectual, é o modo do músico e não o modo do pintor. Aludo, uma vez mais, à concepção de Romain Rolland: "Para lhe falar verdade sobre a minha maneira de trabalhar [escreveu a um correspondente, em 1909], o meu estado de espírito é sempre o de um músico, nunca o de um pintor" ¹. A história, como a música, organiza-se no tempo e não no espaço, e o desenvolvimento da música, como o desenvolvimento da história, é a progressiva construção de uma harmonia que vai resolvendo sucessivamente as antinomias de cada fase. Seria irrelevante – ou o projecto de lhe dar consistência teórica necessitaria de uma explanação exterior ao nosso tema de agora – lembrar que Bento Caraça sempre se mostrou um apaixonado melómano. Mas não o será anotar, de passagem, que, ao referir a ligação das artes às condições sociais em que foram produzidas, Bento Caraça reserva um lugar à parte à música: a ligação da literatura, arquitectura, cinema ou dança é mais forte do que a ligação da escultura e da pintura, e a força desta ligação superior à da música. Não tratamos, agora, de analisar esta hierarquia das artes. Mas unicamente de sublinhar ser a música, para Bento Caraça, de todas as artes, aquela cuja condições de produção se reveste de mediações mais longínquas e mais subtis. Se uma teoria se constrói à maneira da música e não da pintura, quer dizer, estabelecendo-se no tempo e não no espaço, mais exigente, e ao mesmo tempo mais necessário, se torna o trabalho de selecção do intelectual. Seleccionar é avaliar a possibilidade de os vários elementos constituintes de uma concepção serem reintegrados numa concepção inovadora.

Por isso mesmo, o trabalho de selecção é correlativo do trabalho de síntese. Uma questão coloca-nos no problema: "as elites propulsionadoras, em cada período histórico, do desenvolvimento científico, literário, artístico, foram realmente aquelas que, nesse período, ditaram a forma de constituição da sociedade, a orientaram, regulam o seu funcionamento orgânico? por outras palavras, elite científica e cultural e classe dirigente são a mesma coisa? ou, melhor ainda, a primeira está compreendida na segunda?" (C., 49).

A interrogação sugere a resposta. Mas, acima de tudo, anuncia o pensamento em que assenta a resposta. A direcção política da sociedade não é uma mera questão política (ocupação de lugares, troca de influências, estratégias de sobrevivência), é, antes de mais, a construção de um *sentido do todo* e, neste sentido, uma questão profundamente cultural.

O pensamento de Bento Caraça não se move, todavia, no espaço seareiro da primazia da revolução das mentalidades sobre a revolução política. Ao contrário do individualismo inerente à concepção seareira, pelo menos na configuração que lhe deu António Sérgio, Bento Caraça mostra-se convicto de que sobre "a lei primária de interdependência das coisas e dos seres do Universo, de modo tal que coisas e seres nos aparecem definidos sempre pelas suas relações no meio ou grupo em que estão integrados" (C., 185) está fundado primado do grupo no qual "tem a sua raiz aquela orientação segundo a qual só a mudança das condições exteriores ao homem,

¹ Romain Rolland in: Idem, *ibidem*, p. 29.

condições de meio e instituições sociais, pode levar ao aperfeiçoamento e progresso desejados" (C., 184).

Este gesto de adesão teórica ao primado do grupo não significa que Bento Caraça desvalorize a importância do intelectual ou, como lhe chama mais frequentemente, as elites. Pelo contrário. Uma releitura, ainda por fazer, das biografias que escreveu mostrará, talvez, que o trabalho intelectual é ou um foco de disseminação de novas ideias em ruptura com um passado reconhecido e aceite ou um momento de síntese de ideias dispersas mas unificáveis. Num caso ou noutro, é pelo intelectual que o real se dá a ver em dimensões novas. Se é lícito tomar o ensaio consagrado a Galileu como paradigma da reflexão sobre o intelectual, percebemos que o intelectual é aquele que antes de mais libertou o olhar de constrangimentos anteriores, descontextualizou os factos observados das respostas anteriores e, de certo modo, converteu o olhar à recontextualização dos factos num outro sentido de totalidade. Haverá um momento intermédio entre a dissolução de respostas antigas e a génese de novas respostas, uma suspensão, uma pausa?

O ensaio sobre Galileu talvez permita também responder a esta pergunta? Só um princípio de outra resposta permite começar a descolar da anterior porque só a partir de uma hipótese já em formação as respostas aceites se mostram infundadas.

O trabalho do intelectual é, pois, não só necessário mas insubstituível. É pelo ângulo de cada especialidade que uma síntese global revela as suas primeiras fragilidades. Mas é necessário ser, simultaneamente, profundamente do seu tempo e profundamente em avanço sobre o seu tempo para perceber quais são as fragilidades regionais que implicam fragilidades globais.

É provável que Galileu se tenha dado conta do alcance teológico-político-científico dos seus trabalhos, à primeira vista ultra-especializados, no domínio da astronomia. Daí que Bento Caraça considere a conferência sobre Galileu, antes de mais, uma história do heliocentrismo (C., 67).

Os adversários, pelo menos, perceberam que por essa brecha especializada entrava na sua mundividência um princípio de dissolução de mais vastas consequências.

O trabalho de Galileu, como o trabalho de qualquer intelectual no campo problemático de Bento Caraça, reveste-se, por isso, sempre, de uma importância científica e de uma importância moral. Tem uma importância científica porque é por seu intermédio que se dá a extensão progressiva do património, isto é, o "alargamento constante, evidente aos olhos de quem queira ver, de todo o conjunto de possibilidades e aquisições humanas" (C., 138).

Porém, o trabalho do intelectual não é auto-suficiente. Não é uma simples invenção individual: tem condições que são sociais, condições constituídas pelo património de conhecimentos existente, do qual sempre se parte e do qual se está dependente mesmo que seja para depois o negar. E, por outro lado, cada nova aquisição (invenção, descoberta, lei) haverá de dar forma a um novo sentido de todo que integrará progressivamente mais indivíduos (cf.: C., 138).

Dois elementos: a extensão progressiva do património e integração progressiva dele. A primeira, revela a fecundidade do trabalho de cada intelectual. A segunda, a importância moral

de que se reveste o seu contributo. Mas, como Bento Caraça sublinha, a relação entre ambos faz-se sob a forma da acção recíproca e não da simples causa-e-efeito.

Detectar a importância moral imanente aos desenvolvimentos científicos de Galileo é já colocar o problema da nova síntese necessária à resolução da crise. Determinar a importância moral de (novas) enunciados científicos equivale a reconstruir, a partir destes (novos) propostas, um novo "sentido do todo".

Já o dissemos: na obra de Bento Caraça desenvolve-se um pensamento da unificação porque é seu pressuposto "a lei primária de interdependência das coisas e dos seres do Universo, de modo tal que, coisas e seres nos aparecem definidos sempre pelas suas relações no meio ou grupo em que estão integrados". Portanto, sobre o pano de fundo deste princípio de interdependência ontológica, um pensamento da crise que seja, como é o caso, um pensamento da superação da crise só pode ser um pensamento que procura os elementos de uma nova unificação porque nem a realidade da interdependência nem o princípio organizador da unificação estão em causa.

Organizar uma nova síntese que permita aos homens situarem-se no mundo com justeza, de acordo com as realidades do seu tempo é a tarefa que Bento Caraça sente ser a do seu tempo.

A cultura é afinal um princípio de orientação, é o conjunto de aquisições que permite a cada ser humano encontrar o seu lugar. Como esse lugar não está antecipadamente definido porque o universo moderno se laicizou — o laicismo é aspecto nuclear do pensamento de Bento Caraça —, compete a cada um encontrá-lo, constituir-lo, descobrindo afinal que determinar o seu lugar é, afinal, formar-se como homem.

É neste contexto que Bento Caraça enuncia a noção de homem culto. É um enunciado famosíssimo, que cintilou durante décadas em várias gerações.

Recordo esse passo: "O que é o homem culto? É aquele que: 1º — Tem consciência da sua posição no cosmos e, em particular, na sociedade a que pertence; 2º — Tem consciência da sua personalidade e da dignidade que é inerente à existência como ser humano; 3º — Faz do aperfeiçoamento do seu ser interior a preocupação máxima e fim último da vida" (C., 51).

A múltipla tomada de consciência em que consiste este processo é, afinal, um desdobramento de unificações. Cada um coloca para si próprio a tarefa de formar-se perante si próprio, perante os outros e perante o cosmos, — se quisermos num tripla dimensão moral, social e cósmica. É um trabalho que cada um exerce sobre si próprio e em que rejeita os elementos contingentes porque o horizonte é, sempre, o da interdependência de todos os seres e de todas as coisas do universo.

Por conseguinte, a tarefa cultural só pode ser sistemática. Na rede de interdependências em que necessariamente existimos, e nas ideias que mobilizamos para existir, Bento Caraça sempre distinguiu dois planos. Escreveu: "Em cada ramo do conhecimento há o que é do domínio do especialista e o que é do domínio geral, aquilo que só uma vida inteira de trabalho consegue apreender (quando o consegue) e aquilo pelo qual esse ramo entronca na corrente geral das ideias e da civilização". Repare-se: por um lado, tudo o que, no trabalho especializado, é e

permanecerá individualizado; por outro lado, anote-se a metáfora, o que entronca, isto é, o que pode des-individualizar-se mas permanece activo e, mesmo, num plano mais profundo de actividade, o que ascende ao curso comum, o que se realiza na interdependência de todas os seres e de todas as coisas.

O passo que citei é extraído da apresentação da Biblioteca Cosmos e vem estampada nas páginas iniciais do primeiro volume, publicado em 1941. Não poderíamos encontrar expressão mais adequada para sintetizar o sentido da Biblioteca.

Porque a Cosmos não é apenas uma Biblioteca, uma colecção de livros mais ou menos ordenados. É o concentrado da filosofia da cultura de Bento Caraça e verdadeiramente uma enciclopédia do homem culto moderno.

Como se conclui da já citada célebre definição, a cultura do homem culto não é "o enciclopedismo barato e estéril" (C., 281). Mas também não se adquire, autodidacticamente, ao sabor de leituras que podem ser dispersas. Este ponto é particularmente impressivo num artigo de 1929 agora recolhido pelo Dr. Alberto Vilaça, em que Bento Caraça apresenta as actividades próximas da Universidade Popular Portuguesa. Em dado passo, refere a "grande maioria, constituída por pessoas que não puderam levar longe os seus estudos" e que "só encontra possibilidade de satisfazer o seu desejo de aprender ou em leituras, por vezes (quase sempre) feitas ao acaso, sem uma orientação definida e lançando portanto a confusão aonde deveriam levar a ordem e a metodização de conhecimentos" ¹.

São já conhecidos muitos pormenores que nos restituem o cuidado posto por Bento Caraça na organização da Biblioteca bem como os sinais do seu indiscutível sucesso público. Creio que se torna necessário aprofundar o conhecimento da sua coerência interna, quero dizer, da adequação da sua coerência científica aos princípios geradores de uma nova coerência cultural.

Um ou dois exemplos serão, por agora, suficientes.

Não procuremos, todavia, a partir da hipótese de que estamos perante uma Enciclopédia do homem culto moderno o rasto de uma única escrita, o som de uma única voz, as categorias de um único pensamento.

Em Bento Caraça, esse pensamento da crise que é, mais do que um pensamento da unidade, um pensamento da unificação, será em maior rigor um pensamento de uma harmonização sempre mais alta e mais exigente.

O elemento decisivo não é uma unidade prévia à qual os factos devam conformar-se. A Biblioteca Cosmos é, em acto, a filosofia da cultura de Bento Caraça precisamente pela sua estrutura polifónica.

Bento Caraça, leitor de Romain Rolland, seguiu a indicação do Mestre. Procurou "a mais bela harmonia, essa que é o mel negro das dissonâncias".

¹ Documento incluído in A. Vilaça, *Bento de Jesus Caraça – militante integral do ser humano*, Campo das Letras, Porto, 2000, p. 267.

